

DIMENSÕES

Revista de História da Ufes

*A produção, difusão e recepção de ideias sobre a Guerra do Paraguai/
Guerra Guasu pelo Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso e
pelo Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul*

The production, diffusion and reception of ideas about the Paraguayan War/
Guasu War by the Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso and the
Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul

Ana Paula Squinelo¹

Jérry Roberto Marin²

Resumo: Analisamos neste artigo a produção, difusão e recepção de ideias acerca da Guerra do Paraguai/Guerra *Guasu* propagadas pelos intelectuais do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, criado em 1919, e do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, criado em 1978. Essas ideias circulavam em revistas, artigos, livros, poemas e na letra do hino mato-grossense, configurando memórias e identidades que estão de acordo com os interesses e projetos das elites de cada estado. Suas produções culturais construíram versões oficiais que são ensinadas nas escolas, constam nos conteúdos dos concursos públicos e são difundidas pelos meios de comunicação. Elas estigmatizam o Paraguai e os paraguaios, privilegiam os heróis brancos e do sexo masculino, silenciam sobre os demais participantes do conflito, assim como fomentam o preconceito e a xenofobia. Deste modo, pretendemos questionar a construção do regional que foi realizada por esses intelectuais acerca da Guerra do Paraguai/*Guasu*.

Palavras-chave: Guerra do Paraguai/Guerra *Guasu*; Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso; Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul.

1 Graduada em História pela Universidade Católica Dom Bosco (UCDB), Mestrado em História pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), Doutora em História pela Universidade de São Paulo (USP), Pós-doutorado pela Universidade do Minho e Universidade Nova Lisboa. Professora Titular na UFMS, Professora nos Programas de Mestrado: Profissional em Ensino de História (UFMT) e Interdisciplinar em Estudos Culturais (UFMS). Líder do Grupo de Pesquisa Historiografia e Ensino de História: Diálogos em Trânsito (HEH/UFMS/CNPq). ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0003-4490-5111>. E-mail: ana.squinelo@yahoo.com.br.

2 Graduado em História pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Mestrado em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Doutor em História pela Universidade Estadual Paulista (UNESP), Pós-doutor pela Università Degli Studi di Roma "La Sapienza". Professor Titular na Faculdade de Ciências Humanas/Curso de História e Bacharelado em História/UFMS, Professor da Pós-Graduação em História da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). ORCID ID: <http://orcid.org/0000-0003-0882-1359>. E-mail: jerrimar@gmail.com



Abstract: In this article, we analyse the production, diffusion and reception of ideas about the Paraguayan War/*Guasú* War propagated by the intellectuals of the Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, founded in 1919, and the Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, founded in 1978. These ideas circulated in magazines, articles, books, poems, and in the lyrics of the Mato Grosso anthem, shaping memories and identities in accordance with the interests and projects of each state's elite. The cultural productions of the institutes have constructed official versions that are taught in schools, appear in the contents of public competitions and are disseminated by the media. They stigmatize Paraguay and Paraguayans, privilege white and male heroes, keep silent about the other participants in the conflict, as well as foster prejudice and xenophobia. In this way, we intend to question the construction of the regional that was carried out by these intellectuals about the Paraguayan/*Guasú* War.

Keywords: Paraguayan War/*Guasú* War; Historical and Geographical Institute of Mato Grosso; Historical and Geographical Institute of Mato Grosso do Sul.

Procuramos analisar a produção, difusão e recepção de ideias sobre a Guerra do Paraguai/Guerra *Guasú*,³ a partir das ações realizadas por um conjunto de intelectuais que eram sócios do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso (IHGMT) e do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul (IHGMS), que foram difundidas em livros⁴, revistas, poemas, artigos⁵ e no hino mato-grossense. Enfo-

287

3 Guerra do Paraguai e *Guerra Guasú* serão utilizadas como sinônimos. *Guerra Guasú* é a forma mais utilizada no Paraguai. O conflito é denominado ainda de Guerra Grande, Guerra da Tríplice Aliança e Guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai. Como observou Sansón Corbo (2015, p. 955), a “polissemia nominativa utilizada para referi-la [...] reflete a falta de consenso hermenêutico entre os pesquisadores e os incômodos políticos e ideológicos que provoca sua evocação”.

4 Para Darnton (1990, p. 112), “de modo geral, os livros impressos passam aproximadamente pelo mesmo ciclo de vida. Este pode ser descrito como um circuito de comunicação que vai do autor ao editor (se não é o livreiro que assume esse papel), ao impressor, ao distribuidor, ao vendedor, e chega ao leitor. O leitor encerra o circuito porque ele influencia o autor tanto antes quanto depois do ato de composição. Os próprios autores são leitores. [...] Ele se dirige a leitores implícitos e ouve a resposta de ressentimentos explícitos. Assim, o circuito percorre um ciclo completo.”

5 Chartier (1998, p. 12) apontou que a tarefa do historiador é reconstruir as variações que diferenciam os “espaços legíveis” – isto é, os textos nas suas formas discursivas e materiais – e as que governam as circunstâncias de sua “efetuação” – ou seja, as leituras compreendidas como práticas concretas e como procedimentos de interpretação.



caremos a produção cultural produzida entre os anos 1919, quando foi criado o IHGMT, e 1991, quando foi lançada a primeira edição da obra *História de Mato Grosso do Sul*, de Hildebrando Capestrini e Acyr Vaz Guimarães, que eram membros do IHGMS. Essas instituições estabeleceram uma *ordem* de como deve ser compreendida a guerra, ordem esta que se tornou um cânone a ser cultuado e difundido nos espaços dos institutos, nas escolas, nos concursos públicos, pelos agentes do Estado e nos meios de comunicação. Os intelectuais são um “conjunto de sujeitos específicos, considerados como criadores, portadores, transmissores de ideias” em uma determinada sociedade, que atuam em redes de sociabilidades e estão engajados na militância cultural (BOB-BIO, 2001 p. 109; SIRINELLI, 1996, p. 248).

288

Os criadores dessa produção cultural e responsáveis pela sua difusão foram jornalistas, escritores, professores, funcionários públicos e religiosos que se engajaram na construção dos regionalismos mato-grossense e sul-mato-grossense e que foram – e continuam sendo – muito produtivos e capazes de estabelecer mediações com a sociedade e o Estado. Esses intelectuais atuavam também na esfera política, direta ou indiretamente, favorecendo a difusão e recepção das suas interpretações da história, da literatura e da cultura.

Seguindo a perspectiva de Gomes e Hansen, um *intelectual mediador* ou *mediador cultural* é *aquele que produz e divulga, ou seja, “se dedica à comunicação com públicos externos às comunidades de experts”* e que “se aperfeiçoa nas atividades de mediação e no uso de linguagens”. É “um profissional especializado em atingir um público não especializado”, formado pela maioria da sociedade, além de investir na escrita, na fala e na publicação de seus livros. Ao longo da sua vida pode ser apenas mediador ou criador ou atuar em mais de um tipo de mediação cultural. Isto é, não existe uma hierarquização ou rótulo para investigar



a complexidade de sua atividade intelectual e sua produção. Eles procuram inserir-se em instituições culturais e nos meios de comunicação, pois “em muitos casos o intelectual mediador necessita de um grande empenho para se especializar em escrever/falar/fazer/gerir/organizar livros e revistas, instituições culturais”, entre outras atividades (GOMES; HANSEN, 2016, p. 18-22). Em suma, o intelectual mediador é um especialista em comunicação e pode fazer uso de diferentes recursos e meios – a escrita, a fala, os livros, as revistas, a imprensa, a televisão e as instituições culturais e políticas:

Ele se aperfeiçoa nas atividades de mediação e no uso de linguagens e estratégias com a sua experiência e com aquela acumulada ao longo do tempo. Ou seja, [...] esse intelectual muitas vezes ocupa um cargo estratégico numa instituição cultural, pública ou privada, numa associação ou organização política, ou atua desde um lugar privilegiado numa rede de sociabilidades, de onde protagoniza projetos de mediação cultural de enormes impactos políticos (GOMES; HANSEN, 2016, p. 18-19).

289

Analisar “a figura do mediador cultural é, assim, desafiadora, não só por questões teóricas constitutivas de sua atividade intelectual, como igualmente pelas numerosas possibilidades de funções que pode exercer ao mesmo tempo e através do tempo” (GOMES; HANSEN, 2016, p. 22). De acordo com Sirinelli (1996, p. 252), buscar as estruturas de sociabilidade e as afinidades que os unem, bem como onde atuam esses intelectuais, auxilia-nos a apreender as sensibilidades ideológicas e culturais e as redes que “secretam [...] microclimas à sombra dos quais a atividade e o comportamento dos intelectuais envolvidos frequentemente apresentam traços específicos”. O agir dos intelectuais também compreende o inesperado, o fortuito, e não é redutível aos interesses e estratégias conscientes (BOURDIEU, 2001, p. 146).

Entre as aspirações dos intelectuais mediadores, está a ampla di-



290 fusão, na sociedade, de suas visões e ideologias. Para tal, investem em publicações de revistas e livros. Segundo Chartier (1998, p. 8), o “livro sempre visou instaurar uma ordem; fosse a ordem de sua decifração, a ordem no interior da qual ele deve ser compreendido ou, ainda, a ordem desejada pela autoridade que o encomendou ou permitiu sua publicação”. Os livros, ao longo da história, estabeleceram um determinado contexto, um lugar social, que condiciona a construção do discurso histórico. Certeau (1982, p. 66-67), por sua vez, apontou que toda pesquisa historiográfica se articula com um lugar de produção socioeconômico, político e cultural, ou seja, implica um meio de elaboração que está circunscrito por determinações próprias: uma profissão liberal, um posto de observação ou de ensino, uma categoria de letrados etc. Ela está, pois, submetida a imposições, ligada a privilégios, enraizada em uma particularidade. É em função desse lugar que se instauram os métodos, que se delinea uma topografia de interesses, que os documentos e as questões que lhes serão propostas se organizam.

O IHGMT e a Guerra do Paraguai/Guerra Guasu

A criação do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), ocorrida no ano de 1838, influenciou, nas décadas e séculos posteriores, a criação de instituições similares. No caso de Mato Grosso, o IHGMT foi fundado no ano de 1919, em Cuiabá, durante o governo do bispo D. Aquino Francisco Corrêa (1918-1922)⁶, indicado pelo presidente Veneslau Brás após a intervenção em Mato Grosso. O bispo-presidente interviu na produção artística e cultural, investindo em sucessivos empreendimentos culturais e em instituições, a fim de formar um novo

⁶ D. Aquino nasceu em Cuiabá, ordenou-se padre em 1909, bispo-auxiliar em 1915 (era o bispo mais jovem do mundo) e arcebispo em 1921. Entre 1918 e 1922, tornou-se presidente de Mato Grosso. Faleceu em 1956. É reconhecido como excelente orador e escritor.



ordenamento da sociedade, superar as crises políticas e unir as elites e a sociedade num projeto que garantisse a estabilidade social e política e que também promovesse o desenvolvimento econômico.

Em 1921, foi criado o Centro Matogrossense de Letras,⁷ cujo fim era “lançar as bases da literatura regional”, promover e incentivar a cultura literária e abordar temas regionais, exaltando as belezas naturais, riquezas, fatos históricos, populações, heróis, tradições culturais, entre outros temas (CORRÊA, 1940, p. 30).

D. Aquino tornou-se sócio fundador dessas instituições, fornecendo as diretrizes a serem seguidas na definição da identidade regional⁸. Essas instituições receberam decisivo amparo do Estado, por meio de expressivas divisas, seja para seu funcionamento, seja para a publicação dos seus trabalhos (MARIN, 2018, p. 786-788, 790)⁹. D. Aquino, ao unir a literatura com a moral e a religião, defendia que a primeira deveria educar, disseminar o civismo e os valores sociais, sentimentos de ufanismo e pertencimento à coletividade mato-grossense. A Guerra do Paraguai/Guerra *Guaçu* deveria ser um tema retratado, pois Mato Grosso teria sido “a mais heroica vítima nacional” que expirou “na última golfada sanguinolenta de Lopes à beira do Aquidabã”. Outros temas considerados gloriosos e imortais seriam “Coimbra, Corumbá, Dourados, o Sará, o Alegre, Melgaço, a retirada da Laguna, a odisséia incomparável de Mello, o bravo”, além de Taunay, que foi “a maior alma de artista que jamais se pôs em contato a natureza mato-grossense” (CORRÊA, 1940, p. 32-33).

291

7 Em 1932, passou a denominar-se Academia Mato-grossense de Letras (AML).

8 Consiste em forjar, nos elementos díspares, aspectos comuns que possibilitavam agregar e constituir uma comunidade imaginada (ANDERSON, 1989, p. 14-15).

9 Para divulgar a produção foi criada, em 1922, a *Revista do Centro Matogrossense de Letras*.



A missão do IHGMT era “coligir, methodizar, publicar ou archivar os documentos concernentes á história, geografia e arqueologia de Matto Grosso, bem como á etnografia dos seus indígenas e á biographia dos seus homens ilustres” (ESTATUTOS..., 1919, p. 8). Construir uma história oficial era, acima de tudo, preservar a memória¹⁰ e exaltar e glorificar o Mato Grosso e os feitos dos mato-grossenses. Para Philogonio Corrêa (1919, p. 8), o papel do IHGMT era “imortalizar os feitos dos que se foram, imortalizar os heróis, escolher modelos para o futuro”, de modo a “tornar bem conhecidas a grandeza e a nossa raça [...] não deixando de apagar a memoria dos seus benemeritos”, para que os mato-grossenses se orgulhassem do seu passado e seguissem os ensinamentos dos antepassados. Segundo D. Aquino (CORRÊA, 1919a, p. 4), era um dever cívico de todos serem patriotas, amarem Mato Grosso e o Brasil e orgulharem-se deles. Tanto a História como a Literatura seriam as guardiãs das tradições, dos fatos, do culto dos heróis, garantindo sua imortalidade. Preservar a memória era um traço distintivo de civilidade de um povo:

Se morrem para sempre as Pátrias cujos filhos não souberam perpetuar-lhe a vida nas brônzeas páginas indefectíveis da História, que, quando muito, conserva-lhe por um único epitáfio o nome, equivalente aliás, a um estigma perene da ignorância, esterilidade e barbárie. Não acontecerá o mesmo com Mato Grosso. Instala-se nesta hora, mercê de Deus, o seu Instituto Histórico, cujo esforço contínuo será reviver as gloriosas tradições e imortalizar a alma bandeirante e estoica do povo mato-grossense. (CORRÊA, 1919a, p. 6).

Para divulgar as pesquisas e documentos, foi criada, em 1919, a

10 A memória, segundo Le Goff (1992, p. 476), “é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e da sociedade de hoje, na febre e na angústia”. Quanto à memória coletiva, a vê como “um instrumento e um objeto de poder”.



*Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso*¹¹. Seu objetivo era preservar “para o futuro as glórias do passado” e construir, “com os monumentos do seu passado, o pedestal para a estátua majestosa do seu futuro”, ou seja, “um novo século de vida para Matto-Grosso” (CORRÊA, 1919a, p. 3).

Nesse contexto, havia inúmeros intelectuais preocupados em pesquisar, escrever e redefinir a identidade regional, tais como o bispo e presidente de Mato Grosso, D. Francisco de Aquino Corrêa¹², Estevão de Mendonça¹³, Virgílio Alves Corrêa Filho¹⁴, Philogônio de Paula Corrêa¹⁵, José Barnabé de Mesquita¹⁶, entre outros. Muitos deles

11 A publicação sofreu uma interrupção entre os anos de 1955 e 1976, circula até os dias atuais.

12 D. Aquino nasceu em 2 de abril de 1885, em Cuiabá. Em 1902, com 17 anos, ingressou na Congregação Salesiana e, em 1904, foi enviado a Roma, onde estudou Filosofia e Teologia, na Academia de São Tomáz Angelicum e na Pontifícia Universidade Gregoriana, respectivamente. Em ambas foi titulado doutor, com o distintivo *Summa Sum Laude*. Em 17 de janeiro de 1909, foi ordenado padre e, em 2 de abril de 1914, o Papa Pio X o elevou à dignidade episcopal. Após a intervenção do presidente Venceslau Brás em Mato Grosso, em 10 de janeiro de 1917, foi indicado para ser governador para exercer o mandato de 1918 a 1922. Com o falecimento de D. Carlos, em 9 de julho de 1921, foi nomeado arcebispo de Cuiabá, posto que assumiu até o ano de 1956.

13 Estevão de Mendonça nasceu em Barão de Melgaço-MT, foi professor, advogado, jornalista e ocupou diversos cargos públicos, tais como Presidente do Conselho Superior de Ensino, auxiliar-técnico da na Repartição de Obras Públicas do Estado, presidente do Conselho Superior do Ensino e juiz efetivo do Tribunal Regional Eleitoral, entre outros. Integrou o quadro de sócios fundadores do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso e do Centro Mato-Grossense de Letras. Segundo Zorzato (1998), foi o precursor na organização memorialística, foi um dos fundadores do IGHMT, sendo considerado uma das maiores autoridades para compor a identidade local.

14 Virgílio Alves Corrêa Filho nasceu em Cuiabá, foi engenheiro, jornalista e é considerado um dos principais “historiadores” de Mato Grosso. Ocupou cargos políticos no âmbito da política estadual e foi membro do IHGB, IHGMT e da AML. Faleceu em 1973.

15 Philogônio de Paula Corrêa foi professor, jornalista, historiador, literato e político. É considerado um dos nomes mais importantes na historiografia mato-grossense.

16 José Barnabé de Mesquita era advogado e exerceu várias funções no poder judi-



ocupavam postos importantes no governo estadual. Como “guardiões da memória”, empenharam-se em criar um “passado imponente”, cuja narrativa contemplava os feitos grandiosos de uma elite branca. Para Zorzato (1998, p. 25), o IHGMT elaborou e consolidou uma memória e história, “[...] já que sua criação e existência têm uma importância decisiva na elaboração, registro e preservação daquilo que se deseja divulgar sobre Mato Grosso”.

A Guerra do Paraguai/Guerra *Guasu* foi considerada como um dos eventos mais gloriosos da história de Mato Grosso. O hino mato-grossense, instituído em 1918, por D. Aquino, cuja letra é o poema “Canção Matogrossense”, de sua autoria, exaltava o heroísmo e participação dos mato-grossenses na expansão das fronteiras a oeste e na defesa da soberania nacional durante a guerra (CORRÊA, 1919b, p. 19-20). Na *Revista* do IHGMT, a guerra foi um tema recorrente, sendo que heróis e episódios foram meticulosamente enaltecidos e preservados.

294

Quanto aos nomes tidos como heróis no contexto da guerra, inúmeros artigos da *Revista* do IHGMT homenagearam João de Oliveira Mello, que comandou a marcha de Corumbá a Cuiabá após a ocupação paraguaia; Antônio João Ribeiro, comandante da pequena Colônia Militar dos Dourados, que, de acordo com a narrativa oficial, morreu em consequência da ocupação paraguaia; Augusto Leverger, o Barão de Melgaço, por organizar a ofensiva para deter o avanço paraguaio sobre Cuiabá; Juvêncio Manoel Cabral de Menezes e Carlos de Moraes Camisão, que participaram da Retirada da Laguna, assim como José Francisco Lopes, que acompanhou a coluna na ocupação paraguaia e, conseqüentemente, na Retirada, como “guia”; Antonio Maria Coelho, que liderou a retomada de Corumbá; e Alfredo d’Escragnolle Taunay, que participou do episódio da Retirada da Laguna como ajudante de ciário. Foi um dos membros do Instituto que mais publicou na revista do IHGMT.



comissão de engenheiros. Quanto aos episódios militares, foram privilegiados a ocupação paraguaia em solo mato-grossense, a tomada do Forte de Coimbra e a retomada de Corumbá.

Nos dois primeiros volumes da *Revista* do IHGMT, foram publicados poemas de D. Aquino, reunidos sob o título *Terra natal*, que instituíam inúmeros heróis (Leverger, Antônio João, Cruz e Cunha, tenente Mello) e fatos históricos (Retirada da Laguna) a serem lembrados e celebrados (CORRÊA, 1919b, p. 17-48; 1919c, p. 95-143). Na obra *Terra natal: versos a Mato Grosso, o grande Estado do Oeste Brasileiro*, publicada em 1940, novos poemas foram acrescentados: “Diante dos heróis de Laguna e Dourados”, “Canção Matogrossense”, “Miranda” e “Princesa do Paraguai” (CORRÊA, 1940)¹⁷. De acordo com Marin (2018, p. 800), na seleção dos heróis mato-grossenses, não importava o local de nascimento desses indivíduos, mas suas qualidades atávicas e feitos gloriosos. Os heróis eleitos foram invariavelmente homens que se destacaram nas operações militares, sendo enaltecidas suas qualidades e trajetórias, como a capacidade de liderança e iniciativa, a bravura, o patriotismo, a resignação e seus valores políticos, ideológicos, religiosos e morais, sobretudo os cívicos.

295

D. Aquino, no poema “Diante do monumento: aos heróis de Laguna e Dourados na praia Vermelha”, celebrou esses episódios como os mais célebres da história militar de Mato Grosso e do Brasil. A Guerra do Paraguai/Guerra *Guasu*, por sua vez, era digna de admiração e lembrança, sendo o episódio da Retirada da Laguna o mais notável e heroico da história brasileira (CORRÊA, 1940, p. 15-16). Outras glórias foram a defesa e retirada do Forte de Coimbra, a retomada da cidade de Corumbá e os “martírios” de Antônio João Ribeiro, representados

17 Os poemas de D. Aquino foram reeditados nas obras *Poética: nova et vetera*, *Poética: odes* e *Poética: terra natal* (CORRÊA, 1985e; 1985f; 1985g).



como sentinelas avançados da integridade nacional (CORRÊA, 1985c, p. 32). D. Aquino, ao defender o projeto nacionalista católico, associava catolicidade e brasilidade, pois o Brasil e Mato Grosso teriam sido consagrados, desde o seu nascimento, à Igreja Católica e a Deus. Dessa forma, combatia as ideologias e concepções consideradas estranhas à vida nacional, tais como o socialismo, o comunismo, o liberalismo e o protestantismo (MARIN, 2016, p. 162; 2018, p. 800).

296

O primeiro dos homenageados por D. Aquino, Augusto Leverger (1802-1880) ou Barão de Melgaço, é um dos heróis regionais mais cultuados. Na produção do IHGMT, destacam-se os volumes comemorativos dedicados a Augusto João Manoel Leverger: em 1980, para celebrar o centenário de sua morte (Tomos CXIII e CXIV); em 2002, para solenizar o bicentenário de seu nascimento (v. 60); e, em 2006, para enaltecer sua memória (v. 64). Leverger foi presidente da Província de Mato Grosso por mais de uma vez, notabilizando-se, do ponto de vista da historiografia oficial, por deter o avanço paraguaio sobre Cuiabá. A biografia do “Bretão Cuiabanizado”, assim chamado por Virgílio Corrêa Filho, foi traçada em artigo redigido por Antonio de Arruda. Sua vida na França, a vinda para a América, o ingresso na Marinha Brasileira, sua atuação nas questões que envolveram o Prata, as missões diplomáticas que realizou no Paraguai, seu desempenho como presidente da província mato-grossense e os serviços prestados quando da invasão paraguaia configuraram-se em assuntos que foram abordados.

Quando ocorreu a ocupação de Corumbá, em 4 de janeiro de 1865, e a aproximação dos efetivos paraguaios em Cuiabá, Leverger, de acordo com Arruda (1980), passou a frequentar constantemente o Palácio do Governo. Diante da derrota sofrida por uma expedição enviada pelo Governo, teria, apesar da idade avançada, saído do “Coxipó no mesmo instante e, sem sequer despedir-se da esposa, foi apresentar-se

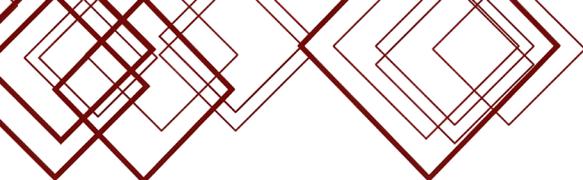


ao Presidente, colocando-se à sua disposição para organizar a defesa” (ARRUDA, 1980, p. 27). Ao assumir o comando das forças, Leverger teria pronunciado as seguintes palavras: “[...] Marchemos, senhores, a guarnecer o ponto abandonado, e quando não possamos impedir a passagem do inimigo, que ao menos façamos conhecer que protestamos por meio da nossa artilharia. Que me acompanhe quem quiser.” (ARRUDA, 1980, p. 27). Tais palavras, de acordo com as narrativas registradas nas páginas da *Revista* do IHGMT, teriam despertado o patriotismo da tropa e feito desaparecer o pânico. Para Arruda, naquele momento “ele se transformou no antemural do Brasil em Mato Grosso, segundo o dístico famoso de Taunay” (ARRUDA, 1980, p. 27). O “bretão” poderia, pois, ser considerado

Um herói em todos os sentidos - não apenas nos lances em que arriscou a vida com destemor, mas também nos exemplos diuturnos que deixou, de tenacidade, abnegação, tolerância, bondade, amor ao trabalho, e outros predicados que ornaram sua rica personalidade (ARRUDA, 1980, p. 27).

297

Jose Manoel Alves Correa também homenageou a figura do Barão de Melgaço. Realizando um breve histórico da vida de Leverger, enfatizou sua atuação na contenda com o Paraguai. Segundo Alves Correa, o presidente da província mato-grossense teria pronunciado as seguintes palavras, sobre a necessidade de deter o avanço paraguaio: “não com a presunção de impedir a passagem do inimigo, diz ele, mas ao menos para livrar-nos da vergonha de chegarem os paraguaios até o porto da Capital, sem terem sofrido a menor resistência” (CORREA, 1981, p. 17). Essa manifestação de patriotismo fez com que inúmeros escritores relembassem seu “heroísmo” e “modéstia”. D. Aquino, por exemplo, escreveu o poema “Leverger”, em que destacou as glórias



do barão, as quais imortalizavam “um povo inteiro”, qualificando-o como “[sábio], estadista e heróe” (CORRÊA, 1919c, p. 105-106). Virgílio Corrêa Filho, para homenageá-lo, escreveu a obra *Leverger: o Bretão Cuiabaniizado* (CORRÊA FILHO, 1941).

O volume que rememora o centenário de nascimento de Virgílio Corrêa Filho – permite demonstrar, com clareza ainda maior, o quanto este escritor cuiabano influenciou a produção dos demais escritores. De acordo com Pedro Rocha Jucá, Virgílio Corrêa Filho

[...] pertence a uma linhagem familiar tradicional e rica de valores que enobrecem a memória mato-grossense, incluindo-se aí a figura histórica e exponencial do Barão de Melgaço, que por mais tempo governou Mato Grosso e garantiu a defesa de Cuiabá durante a Guerra do Paraguai, mesmo já recolhido ao merecido descanso de sua vida (JUCÁ, 1987, p. 18).

298

Jucá estava recorrendo, nessa defesa, à ascendência de Corrêa Filho, pois Augusto Leverger, que Corrêa Filho imortalizou como o “Bretão Cuiabaniizado”, era seu avô. Os dois personagens – Leverger e Corrêa Filho – são temas recorrentes nas páginas da *Revista do IHG-MT*. O interesse explica-se, em parte, por sua produção bibliográfica sobre Mato Grosso. Sobre os distintos aspectos concernentes à guerra, esse escritor teve uma produção intensa e de destaque publicada no *Mensario do Jornal do Commercio*¹⁸. Escreveu ainda a obra que influenciou a produção da escrita da história de Mato Grosso do Sul: *História de Mato Grosso*, cuja primeira edição foi publicada em 1969.

Virgílio Corrêa Filho, por exemplo, analisou no artigo “Divaga-

18 O *Jornal do Commercio* foi fundado em 31 de agosto de 1827. Caracterizava-se pela sua periodicidade diária e teve sua sede no Rio de Janeiro. Durante a monarquia brasileira, o jornal contou com uma coluna de D. Pedro II e, posteriormente, de Rui de Barbosa e Visconde de Taunay, entre outros. O jornal encerrou suas atividades no dia 24 de abril de 2016.



ções” a ocupação paraguaia do sul do antigo Mato Grosso (CORRÊA FILHO, 1933, p. 3). O autor argumentou que a tarefa de expulsá-la fora confiada a um personagem que é tido como um grande herói mato-grossense, qual seja, Antônio João. Para Corrêa Filho, esse militar era “conhecedor” seguro daquelas paragens, que amiúde varava, em suas peregrinações. Em relação ao desfecho do encontro entre a coluna paraguaia e o comandante da Colônia dos Dourados, ocorrida em 29 de dezembro de 1864, Corrêa Filho não deixou de render mais uma homenagem ao herói mato-grossense, transcrevendo suas supostas palavras: “Sei que morro, mas o meu sangue e o de meus companheiros servirão de protesto contra a invasão do solo da minha pátria” (CORRÊA FILHO, 1933, p. 3). Assim concluiu sobre a figura de Antônio João no contexto da guerra:

Tamanho sacrifício, previsto o cumprido resolutamente, não podia deixar de impressionar o próprio invasor triunfante, que, pela voz de Urbietta, confessaria:

299

‘Se o Brasil possuir muitos destes, a nossa expedição a Mato-Grosso não será uma simples passeata militar como nos disseram em Assunção’. (CORRÊA FILHO, 1933, p. 3).

Nesse mesmo artigo, Corrêa Filho narrou a tomada do Forte de Coimbra, ocorrida entre os dias 25 e 29 de dezembro de 1864, expondo a estratégia utilizada por Lopez para a ocupação do sul de Mato Grosso. O autor não se eximiu de avaliar o comando a que estava submetido o forte, bem como sua situação bélica. Coimbra era comandada pelo “Coronel Porto Carreiro, antigo instructor de Lopes” (CORRÊA FILHO, 1933, p. 3). A tomada do Forte teria consolidado o avanço inimigo e a situação só começou a ser invertida em meados de 1865, quando a esquadra brasileira venceu a paraguaia na batalha do Riachuelo e o



conflito tomou outro rumo. Corrêa Filho, após a publicação do artigo “Divagações”, redigiu “Riachuelo”, também divulgado pelo *Jornal do Commercio* (CORRÊA FILHO, 1933, p. 3). Escritor atento aos fatos da história nacional, não permitiria que tal episódio caísse no esquecimento, avaliando a importância estratégica desse combate.

300
Corrêa Filho (1933, p. 3; 1942, [n.p.]) homenageou ainda o Patrono do Exército Brasileiro – Luis Alves de Lima e Silva, o Duque de Caxias –, dedicando-lhe os artigos “O Dia do Soldado e o seu Patrono” e “General Invicto”.¹⁹ No primeiro, resgatou a atuação do duque nas rebeliões regenciais e também o momento em que assumiu o comando do exército aliado, em 1866. Além de tecer algumas considerações sobre as batalhas de Tuiuti, Humaitá, Itororó, Avay e Lomas Valentinas, nas quais Caxias atuou, ponderou ainda sobre as consequências advindas de sua partida para o Rio de Janeiro. No segundo artigo, tratou de outra questão, também espinhosa: Caxias poderia ou não na velhice “*ufanar-se de invicto?*” (CORRÊA FILHO, 1942, [n.p.], grifo do autor). Argumentou também que o general, durante sua carreira militar, teria tido duas “falhas” de comando: uma em Santa Luzia (MG), quando inúmeras localidades mineiras levantaram-se, seguindo o exemplo de São Paulo; e outra, em Itororó, já em combate com os paraguaios. Mesmo assim, Corrêa Filho corroborou as decisões do duque e ressaltou sua capacidade de liderança, registrando:

¹⁹ D. Aquino, no poema *Ao Duque de Caxias* e no discurso *O exemplo de Caxias*, reforçou a imagem de “Pacificador do Brasil”. Sua participação na Guerra foi vista como fundamental para a vitória da Tríplice Aliança, pois assumiu um exército despreparado e com baixos efetivos, mas, após treiná-los, obteve sucessivas vitórias. Enalteceu também as suas qualidades físicas e morais, retratando-o como um guerreiro implacável e, ao mesmo tempo, uma figura branda, gentil, que seguia os preceitos cristãos. Seria um cavaleiro medieval, um semideus dos tempos dos pagãos, um estadista e o responsável por vencer o “atroz” Francisco Solano López (CORRÊA, 1985a, p. 221-224).



Entre os ensinamentos, que legou aos patriotas, nenhum se avanteja, em concisão e eficiência, a mais breve ordem cumprida pelos seus comandados: *os valentes sigam-me*.

E a senha que os brasileiros cuidam ouvir quando o Brasil inteiro se ergue em defesa de sua soberania agravada pelo agressor. (CORRÊA FILHO, 1942, [n. p.], grifos do autor).

Como a maioria dos intelectuais mato-grossenses, Corrêa Filho demonstrou particular interesse pelo conflito platino, como já mencionado. Mesmo tendo vivido grande parte de sua vida na então capital federal, o Rio de Janeiro, não se distanciou dos assuntos relacionados à história da antiga província de Mato Grosso, fato comprovado por sua vasta publicação no *Mensario do Jornal do Commercio*. Importante ressaltar também a série de artigos intitulados “O Enigma do Paraguay I, II, III, IV, V e VI” (CORRÊA FILHO, 1928a, p. 8; 1928b, p. 9; 1928c, p. 1; 1928d, [n. p.]; 1928e, [n. p.]; 1928f, p. 11). Neles resgatou a discussão em torno da livre navegação dos rios platinos, abordou a questão da definição de fronteiras, acentuou a tentativa de aproximação brasileira com o Paraguai, bem como a assinatura dos acordos entre os dois países. Relatou, ainda, a inauguração da linha fluvial para Mato Grosso, ocasião em que sintetizou o aprisionamento do navio Marquês de Olin-da, em 12 novembro de 1864. Além disso, dedicou um artigo ao governante paraguaio José Rodrigues Gaspar de Francia, ponderando sobre sua origem contraditória e enfatizando sua participação no processo de independência da metrópole espanhola.

301

A farta publicação de Corrêa Filho em torno de temas relacionados à Guerra do Paraguai/Guerra *Guasu* contribuiu para que se consolidasse uma história do conflito, na qual não há espaço para derrotas e valoriza-se a atuação dos heróis, dos homens e dos “vilões” paraguaios. Por outro lado, a produção do IHGMT marginalizou e desqualificou



a presença de outros sujeitos, como indígenas, mulheres, combatentes, moradores de Mato Grosso e paraguaios. A eclosão do conflito foi creditada tão somente ao governante Solano Lopez e seu ato de aprisionamento do paquete Marquês de Olinda. Lopez foi representado como ditador, sanguinário e violento, e o exército paraguaio, como uma hoste bárbara e selvagem. Corrêa Filho, por exemplo, asseverou:

Misto de cacique e gentil-homem, Lopez não sofreu que fosse impunemente rejeitada a sua intervenção e, ao dar a primeira amostra de quanto seria capaz, quando contrariado, aprisionou, antes de proferir declaração de guerra e, violando fulminantemente o Tratado de 6 de abril, o vapor brasileiro ‘Marquês de Olinda’ que, de viagem para Mato Grosso, conduzia as últimas comunicações dos recentes sucessos de Montevidéu. E deu ordem de marcha às suas hostes aguerridas, que longamente se adestravam para o lance napoleônico. (CORRÊA FILHO, 1969, p. 537).

302

Em suma, tanto as produções advindas dos demais membros do IHGMT quanto as de Virgílio Corrêa Filho contribuíram para uma determinada narrativa da Guerra do Paraguai/Guerra *Guasu* e seus desdobramentos, no que tange à necessidade de se gestar uma história para Mato Grosso. Os membros do IHGMT fizeram escola, pois suas produções culturais foram apropriadas pelo IHGMS.

O IHGMS e a Guerra do Paraguai/Guerra Guasu

Em 1977, foi criado o estado de Mato Grosso do Sul²⁰, a partir do desmembramento de Mato Grosso. Antes de sua instalação, que ocorreu em 1979, foi fundado o IHGMS²¹. De acordo com Campes-

20 A Lei Complementar nº 31, de 11 de outubro de 1977, desmembrou o estado de Mato Grosso e criou duas unidades federativas: Mato Grosso e Mato Grosso do Sul.

21 Anteriormente à criação do estado de Mato Grosso do Sul, existia a Academia de Letras e História. Realizado o desmembramento, ocorreu uma cisão, sendo fundada



trini (2012):

Nosso Instituto foi fundado em 1978, um ano antes da instalação do estado, tendo como líder da iniciativa o memorialista Paulo Coelho Machado, acompanhado pelos escritores J. Barbosa Rodrigues, José Couto Vieira Pontes, Demóstenes Martins, Antônio Lopes Lins e Otávio Gonçalves Gomes (que secretariou a reunião de fundação). Como em 1978 o estado de Mato Grosso do Sul não existia como unidade federativa, foi então fundado o Instituto Histórico e Geográfico do Sul de Mato Grosso.

Ao ser criada, a nova unidade federativa viu-se “órfã”, seja de seu passado histórico imediato ou mais remoto, seja de suas estruturas administrativas, jurídicas, políticas e até mesmo documentais, tendo em vista que, com o processo divisionista, a maior parte da documentação comum aos dois estados permaneceu em Cuiabá (SQUINELO, 2002, 2015). Naquele contexto, como já afirmado, um grupo de intelectuais e profissionais liberais, tais como Demóstenes Martins²², Hildebrando Campestrini²³, Acyr Vaz Guimarães²⁴, José Barbosa Rodrigues²⁵, Paulo

303

a Academia Sul-Mato-Grossense de Letras e o IHGMS. Este último conta com uma publicação intitulada *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul*, editada desde dezembro de 1998 e encontra-se em seu volume de número 42 (2017).

22 Demóstenes Martins foi advogado, servidor público, político, historiador, escritor e exerceu altos cargos políticos, tais como Secretário do Interior, Justiça e Finanças, Agricultura, Viação e Obras Públicas do Estado de Mato Grosso. Foi membro da Academia Mato-Grossense de Letras (Cadeira 28) e da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras.

23 Hildebrando Campestrini formou-se em Filosofia, Letras e Pedagogia, atuando em Mato Grosso do Sul como professor e escritor. Assumiu a presidência do IHGMS no ano de 2000 e manteve-se no cargo até 2016, ano de seu falecimento.

24 Acyr Vaz Guimarães foi agrônomo e, após aposentar-se, dedicou-se ao estudo da história de Mato Grosso do Sul, em especial sobre a guerra. Foi presidente do IHGMS. Faleceu em 2005.

25 José Barbosa Rodrigues foi escritor, jornalista, professor e empresário, tendo chegado em Campo Grande na década de 1940. Tornou-se proprietário do jornal *Correio do Estado* e publicou onze obras sobre Mato Grosso do Sul. Foi membro da Academia de Letras e História de Campo Grande (ALH-CG) e do IHGMS, sendo sócio funda-



Coelho Machado²⁶, José Couto Vieira Pontes²⁷, Otávio Gonçalves Gomes²⁸ e Elpídio Reis²⁹, uniu-se em torno de um projeto que construiu uma história e uma identidade para os sul-mato-grossenses.

O IHGMS tinha como objetivos construir uma história regional e um passado glorioso, reconhecer heróis, instituir datas comemorativas, bem como solidificar mitos de fundação e destacar o papel do novo estado no contexto brasileiro. Squinelo (2002, p. 72) ressaltou que a memória a ser conservada prendia-se justamente a uma elite que tinha como objetivo a idealização de um passado grandioso e heroico, que deveria ser lembrado e cultuado. Em 3 de março de 1978, data da fundação do IHGMS, estiveram presentes à solenidade de inauguração políticos, intelectuais e membros da elite local. Para presidir a instituição, foi escolhido José Barbosa Rodrigues, proprietário do jornal *Correio do Estado*. Por sugestão de Rodrigues, decidiu-se que figurassem como presidentes de honra os futuros governadores, estabelecendo-se, dessa forma, vínculos da entidade com o governo estadual (ATA DE FUNDAÇÃO..., 1978, p. 1). Os membros do instituto foram responsáveis pela construção de

304

dor e ocupou cargos na presidência dessas instituições. Em 1982, criou sua própria instituição cultural, a Fundação Barbosa Rodrigues, com o fim de desenvolver atividades para preservar a memória local. Enquanto empresário, expandiu o grupo *Correio do Estado* ao adquirir emissoras de rádio e TV. Faleceu em 2003.

26 Paulo Coelho Machado foi advogado, professor, vereador, secretário de Agricultura de Mato Grosso; presidente da Associação dos Criadores de Mato Grosso do Sul, presidiu a Liga da Divisão do Estado e membro da ASL Letras. Foi presidente do IHGMS de 1978 até 1989, tendo como vice-presidente Demóstenes Martins.

27 José Vieira Pontes foi advogado, magistrado e membro fundador do IHGMS e da ASL.

28 Otávio Gonçalves Gomes foi agrônomo, jornalista, ativista do movimento divisionista e membro fundador do IHGMS e da ASL.

29 Elpídio Reis foi advogado, assistente social, professor, jornalista e membro fundador do IHGMS e da ASL.



[...] heróis, mitos, acontecimentos e fatos para serem cultuados, adorados, lembrados, idolatrados e amados. Portanto, tentam estabelecer uma identidade que deve ser homenageada e homogeneizada por todos os sul-mato-grossenses. Justificam, desse modo, a criação do estado de Mato Grosso do Sul, como que se fosse um anseio local, natural e sem traumas (AMARILHA, 2013, p. 2).

Nesse contexto, os escritos de Virgílio Corrêa Filho e Alfredo d'Escragnon Taunay foram tomados como guias para a construção da memória e da identidade sul-mato-grossense. No que diz respeito à narrativa sobre a Guerra do Paraguai/Guerra *Guasu*, os espaços de memória dos dois estados apresentam elementos comuns, pois tal guerra se tornou temática constante em seus escritos, dando-se especial atenção aos episódios conhecidos como Evacuação do Forte de Coimbra, Retirada da Laguna e Retomada de Corumbá, por terem ocorrido em território agora sul-mato-grossense (SQUINELO, 2002, p. 124). A produção cultural do IHGMS se distingue da do IHGMT por valorizar a participação de Rafaela Senhorinha Maria da Conceição Barbosa, conhecida como Dona Senhorinha, esposa de Guia Lopes. Ao elegê-la como heroína, inclui timidamente a participação feminina e rompe com a exclusividade dos heróis homens.

305

A ocupação paraguaia é um dos temas privilegiados, sobretudo para construir diferenças e identidades, numa narrativa em que vilões e heróis lutam em lados opostos. O mesmo viés explicativo que culpabilizou Solano Lopez pelos destinos no Prata encontra-se nas obras produzidas tanto pelo Instituto Histórico de Mato Grosso como pelo de Mato Grosso do Sul. O paraguaio é o *outro*, representado como incivilizado, incrédulo, invasor impiedoso, profanador de igrejas, usurpador do território brasileiro e sul-mato-grossense e um inimigo que deveria ser derrotado. Para Rodrigues (1978a, p. 31), a “invasão” do “ditador”



306

Solano Lopez destruiu os povoados existentes e submeteu a população a danos irreparáveis. Ao desprezar-se o fato de que as fronteiras entre Brasil e Paraguai não estavam definidas e eram litigiosas, afirma-se a existência de um “nós” que foi “invadido” – o território brasileiro e sul-mato-grossense –, cujos habitantes teriam defendido bravamente, por serem patriotas. Para construir a identidade sul-mato-grossense, era necessário criar alteridades, pois, como afirmou Pollak (1992, p. 204), “a construção da identidade é um fenômeno que se produz em referência aos critérios de aceitabilidade, de admissibilidade, de credibilidade, e que se faz por meio da negociação direta com os outros”. Assim, todo sul-mato-grossense seria herdeiro desse passado heroico e personificaria a coragem, a valentia e o patriotismo. Ao construírem um passado glorioso e elitista, os institutos também elegeram heróis sul-mato-grossenses. Leverger, Guia Lopes, Antônio João, Juvêncio, Mello, Camisão e Antônio Maria Coelho foram identificados com o ideal almejado pelos cidadãos, enquanto Solano Lopez e seus seguidores exemplificariam o inimigo a ser execrado, combatido, criminalizado e repellido. O hino de Mato Grosso do Sul celebra o passado glorioso e a heroicidade de Camisão e Antônio João.

Acerca desse contexto, citam-se também as produções do jornalista José Barbosa Rodrigues, em especial seu primeiro livro, que se intitula *Isto é Mato Grosso do Sul – nasce um estado*. Como a maioria das obras publicizadas naquele momento histórico, esta caracterizou-se como uma produção independente. O próprio Rodrigues (1978, p. 15) admitiu que a obra, publicada no ano de 1978, não foi fruto de pesquisas e amadurecimento intelectual; configurava-se, sim, como uma “colcha de retalhos onde dados históricos, geográficos e estatísticos” se misturavam. Uma das hipóteses que aventamos é que, justamente no cenário pós-divisão, fazia-se necessária a materialização de uma determinada história



e memória. Nesse caso, a opção por uma narrativa escrita e formal dos acontecimentos, feitos e personagens foi escolhida pelo grupo que dominava o cenário político, social e econômico de Mato Grosso do Sul. Para Zorzato (1998, p. 30), as narrativas de José Barbosa Rodrigues “sempre apresentavam preocupações em heroicizar os personagens, atribuindo-lhes adjetivos que os colocavam numa posição acima dos indivíduos comuns, venerando-os como exemplos a serem seguidos”.

Outras duas obras merecem destaque. A primeira é *Histórias da terra matogrossense*, de 1983, na qual Rodrigues buscou apresentar ao seu público leitor os “feitos heroicos” de personagens que considerou terem feito parte da história do estado. Como exemplo, citou Pedro Lemes e Aleixo Garcia e apontou alguns personagens da Guerra do Paraguai/Guerra *Guasu*, como o tenente Antônio João e Dona Senho-
rinha – que foi feita prisioneira dos paraguaios por cinco anos –, além de narrar o ocorrido no Forte de Coimbra. *História de Mato Grosso do Sul*, de 1993, foi seu último livro, contemplando temáticas referentes ao estado de Mato Grosso do Sul. Tal obra apresenta uma estrutura mais elaborada em relação à publicada em 1978, pois aborda temas do passado colonial mato-grossense, assim como questões relacionadas à guerra e ao contexto pós-conflito. Barbosa Rodrigues, ao explicar a “causa” que teria levado ao início da guerra, registrou:

307

No dia 12 de novembro de 1864, o vapor brasileiro ‘Marquês de Olinda’, que subira o rio com destino à longínqua Cuiabá, aporta em Assunção [...] conduzindo a bordo o Coronel Frederico Carneiro de Campos, que ia assumir o governo da província mato-grossense. O barco é simplesmente detido, confiscado, enquanto o governador recém-nomeado e a tripulação são aprisionados. Seguiu-se a declaração de guerra. (RODRIGUES, 1984, p. 85).

José Barbosa Rodrigues atuou como jornalista, empresário, pro-



prietário do jornal *Correio do Estado*, sócio da ASL e do IHGMS, presidente por um mandato de ambas instituições e membro de órgãos culturais do governo estadual. As duas instituições, antes de terem sedes próprias, funcionaram nas dependências do jornal, que publicava os artigos dos seus membros sem custos financeiros (FRANCO, 2022, p. 170).

Outros intelectuais mediadores, que contribuíram para a construção de narrativas peculiares, foram Hildebrando Campestrini e Acyr Vaz Guimarães. Em coautoria, escreveram *História de Mato Grosso do Sul*, que serviu como guia ideal em distintos contextos e para diferenciados grupos nas décadas posteriores à sua primeira edição, que data de 1991.³⁰ O número de edições que a obra possui e sua publicação no ano de 2015 nos permitem elaborar uma ideia de seu alcance e repercussão junto ao/à leitor/a, especialmente os/as de Mato Grosso do Sul. Para Campestrini e Guimarães (1991), a guerra eclodiu tão somente em função das ações de Lopez.

Além das imagens criadas acerca dos motivos que levaram à eclosão do conflito, outras foram gestadas, entre elas a propagação da figura de Solano Lopez como um ditador, tirano e sanguinário e a “culpabilidade” da longa guerra, tributada, única e exclusivamente, ao governante paraguaio. Uma das obras responsáveis pela propagação de tais ideias intitula-se *A Guerra do Paraguai: verdades e mentiras*, de autoria de Acyr Vaz Guimarães, publicada no ano 2000. A obra é um “diálogo imaginário” com o jornalista Julio José Chiavenato, em que Guimarães propôs-se a responder a questões acerca da guerra através de 213

30 A obra conta com sete edições, sendo que, no ano de 1991, foram publicadas duas edições (a 1ª e a 2ª); em 2002, a 5ª edição; em 2009, a 6ª edição, quando Guimarães faleceu. A partir desta edição, passou a constar apenas o nome de Hildebrando Campestrini como autor. Em 2011, foi publicada a 7ª edição, com apoio cultural do SESC/MS, e, em 2015, a 8ª edição.



tópicos. Campestrini, para divulgar o livro, publicou uma reportagem no jornal *Correio do Estado*³¹, denominada “O livro que faltava”, onde analisou a obra. Porém, mais que avalizá-la, sistematizou sua opinião em dois flancos: sua impressão sobre o autor e sobre a obra que estava vindo a público, destacando ainda que a publicação era efetivada pelo IHGMS.

Guimarães, ao proclamar suas “verdades e mentiras”, justificou a eclosão da guerra da seguinte forma:

[...] bom dizer a v. que nossos historiadores nunca trataram da razão da guerra, porque não lhes competia assim proceder, mas a Francisco Solano Lopez fazê-lo. Quando se fala da guerra, a razão que nossos historiadores têm para dizer é, pura e simplesmente, que Francisco Solano Lopez fez guerra ao Império do Brasil e à Argentina. Por quê? Só caberia, então, resposta ao próprio Solano? (GUIMARÃES, 2000, p. 64).

309

Atribuiu ainda a Solano Lopez a culpa pelo conflito, seu desenrolar e suas mazelas, ao afirmar:

Quem fez a guerra? Quem invadiu a província de Mato Grosso em dezembro de 1864, sem declaração de guerra, covardemente? Quem invadiu a Argentina, covardemente? Quem apresou o vapor Marquês de Olinda em novembro de 1864, sem qualquer razão para isso? Quem

31 Jornal que circula no estado de Mato Grosso do Sul. Foi “criado em Campo Grande no dia 7 de fevereiro de 1954, por um grupo de políticos da região sul de Mato Grosso ligado à UDN - União Democrática Nacional. Concebeu, portanto, uma grande força política ao partido que tinha muitos partidários em Campo Grande. Por essas razões, apresentava abertamente suas finalidades políticas [...] Três anos após a fundação do *Correio do Estado* algumas mudanças ocorrem na chefia do jornal. José Barbosa Rodrigues, que começou como zelador no *Jornal do Comércio* e tempos depois passou a ser redator, assumiu a editoria-chefe do jornal antes comandado por um grupo. Ao ganhar maior importância nas decisões da direção e capital financeiro, Rodrigues comprou a parte de Costa Moraes e se tornou dono do *Correio do Estado*” (FURLANETTO, 2018, p. 23-24).



estava preparado para a guerra desde 1º de janeiro de 1865 com suas tropas nas fronteiras do Brasil (no Rio Grande do Sul) e da Argentina? Quem? (GUIMARÃES, 2000, p. 155).

Ainda:

Guerra, de fato, destrói qualquer país. Quem fez a guerra? Não foi o presidente do Paraguai? Arque com as consequências e não chore o leite derramado! Ou queria v. que nós brasileiros e argentinos – nos acovardássemos, vendo nossas terras invadidas? (GUIMARÃES, 2000, p. 150).

310

Essas narrativas glorificam determinados personagens tidos como heróis brasileiros no contexto do conflito platino, na medida em que resgatam um passado heroico, assim como difundem, “[...] em seus escritos, acontecimentos belicosos, aguerridos, combativos e audaciosos, com o desígnio de divulgarem os antepassados sul-mato-grossenses como valentes, corajosos, destemidos, temerários e patrióticos” (AMARILHA, 2013, p. 7). Por outro lado, inversamente o fazem com as imagens que são articuladas em relação aos paraguaios: o outro, o incivilizado, o bárbaro, o sinônimo de bárbarie. A imagem do exército e dos soldados paraguaios como saqueadores, ladrões, arditos, não confiáveis, pode ser averiguada nos trechos a seguir. Para Rodrigues (1993, p. 85-86):

Invadido Mato Grosso é presa fácil, apenas defendido por pugilos de homens que fogem ao avanço do inimigo ou se sacrificam lutando contra força muito superior à sua capacidade de defesa. Pequenas cidades brasileiras, mais povoadas que cidades, são atacadas, saqueadas e devoradas pelo fogo, como Nioaque, Miranda e Corumbá, que têm seus heroicos habitantes persados [sic].

Páginas de heroísmos são escritas então, com indefesos si-



tiantes e fazendeiros aprisionados e levados para o Paraguai, o mesmo acontecendo com a única riqueza existente, ou seja o gado vacum e cavalar da região.

Campestrini e Guimarães (1991, p. 109) retrataram os paraguaios como saqueadores, conforme o registro:

Estava todo o baixo do atual Mato Grosso do Sul envolvido na guerra. Os soldados de Resquin, à medida que avançava o grosso da tropa, faziam gritos pelas fazendas para capturar gado e aprisionar os moradores. Seus habitantes, com os poucos recursos à mão, embarcados em canoas ou a pé, por trilheiros, fugiram. Uns tantos apanhados de surpresa, foram aprisionados.

Tais imagens aparecem já no ano de 1978, na obra de Rodrigues (1978, p. 22):

No terceiro quartel do Século XIX, aguerridas forças paraguaias, movidas pelo insaciável desejo de expansão do ditador Francisco Solano Lopes, invadiram terras de Mato Grosso do Sul, que ainda integravam o grande Mato Grosso, ocupando-as quase que totalmente, destruindo povoados e submetendo a população, ainda rarefeita, a sofrimentos indizíveis, apesar de algumas resistências heroicas que encontraram em Forte Coimbra, Corumbá, Nioaque e Miranda.

311

A guerra é vista como um marco temporal que divide a história em dois momentos: “o primeiro, anterior à Guerra do Paraguai; o segundo, posterior a esse acontecimento sangrento”, que beneficiou a região (RODRIGUES, 1993, p. 83; 1978, p. 31). Tanto para Rodrigues (1984, 1993) como para Campestrini e Guimarães (1991), o pós-guerra foi marcado pela reconstrução das vilas e propriedades, a abertura da navegação do rio Paraguai, a definição das fronteiras internacionais, o desenvolvimento do porto de Corumbá, a imigração, o incremento da ocupação e os investimentos do governo (tanto imperial como republi-



cano), seja para defender o território, seja para promover o incremento econômico, tais como a isenção de impostos, o incentivo à navegação a vapor, a reconstrução das fortificações militares, os investimentos na defesa e nas comunicações, com o telégrafo e a ferrovia Noroeste do Brasil.

Segundo Rodrigues (1993, p. 87-88, 143), a Retirada da Laguna foi um marco histórico, pois os retirantes, “sem que pressentissem”, lançaram as “bases de um novo período histórico para uma região onde, em futuro não muito distante, brilharia uma nova estrela no firmamento brasileiro: o Estado de Mato Grosso do Sul”. O movimento divisionista iniciou em 1880, anseio que perdurou por 97 anos e se consolidou em 1977. Nesse sentido, Mato Grosso do Sul já existia desde o século XIX.

312

Considerações finais

A produção, circulação e recepção de ideias sobre a Guerra do Paraguai/Guerra *Guasu* ficou aprisionada pelo dispositivo oficial, da memória e identidade, pela preocupação com o resgate das raízes e do patrimônio e pelo engajamento na criação de sentimentos de pertença coletiva. As imagens concernentes ao Paraguai, seu povo, o exército e o seu líder, Solano Lopez, foram problematizadas, constituídas, difundidas, consolidadas e reafirmadas pelas instituições e espaços de memória. Destaca-se que sobretudo a partir dos anos 1980, tal narrativa vem sendo problematizada, debatida e tornando-se objeto de inúmeras pesquisas, sendo que tais ações imbricam-se no âmbito acadêmico. Verifica-se uma oposição a essas imagens que foram apresentadas nessa reflexão, a crescente produção de dissertações de mestrado e teses de doutorado, muitas já publicadas e, também a publicação de artigos aca-



dêmicos e organização cada vez mais crescente de eventos científicos que abordam a temática.

Com relação aos institutos históricos e autores vinculados a essas entidades, é importante ressaltar alguns aspectos referentes à circulação das suas ideias. A obra *História de Mato Grosso*, de autoria de Virgílio Corrêa Filho, é tida até a contemporaneidade como um clássico e um compêndio de referência para a história mato-grossense por alguns/mas estudiosos/as ligados/as tanto ao espaço dos institutos como ao universo acadêmico. Portanto, as obras circulam em um público tido como mais especializados. Já os livros de Rodrigues, Guimarães e Campestrini, embora concebidos em estreita relação com os institutos, circulam entre um público não especializado, o que significa dizer que o público leigo tem acesso às ideias ali difundidas e propagadas e, via de regra, acaba por assimilar as “verdades” anunciadas nessas narrativas. A circulação das referidas obras pode ser verificada pelo número de edições que apresentam, e as de Virgílio Corrêa Filho que constam por exemplo em Planos de Ensino de Licenciaturas em História. É comum essas obras servirem de guia para as aulas que enfocam o regional na Educação Básica (há uma carência de materiais didáticos nessa seara), de referência para concursandos/as e de fonte para o público interessado na história de Mato Grosso do Sul. O Livro Didático de História que foi destinado às séries iniciais do Ensino Fundamental do estado de Mato Grosso do Sul denominado *História de Mato Grosso do Sul* (Ed. FTD, 2011), indicou nos itens Referências Bibliográficas e Bibliografia obras de autores como Virgílio Corrêa Filho, Demosthenes Martins, Alfredo d’Escragnole Taunay, José Barbosa Rodrigues, Hildebrando Campestrini e Acyr Vaz Guimarães. Infelizmente, as obras de cunho memorialístico ainda hoje são as mais difundidas no mercado editorial do estado, sendo que os livros e artigos produzidos no âmbito acadê-



mico ainda não alcançam o grande público e, quando alcançam, fazem-no em menor escala, portanto com menor impacto. Obras de autores/as acadêmicos/as de destaque em Mato Grosso e Mato Grosso do Sul a título de exemplo conseguem raramente o marco de uma 2ª edição. Muitas obras que são referência sobre a história dos dois estados, encontram-se esgotadas, pois concorrem a Editais e são contempladas com uma única edição. Citamos como exemplo a obra intitulada *Brasil e Paraguai: Uma Releitura da Guerra* (EdUFMT; Entrelinhas, 2012).

314

Corrêa Filho, D. Aquino, Guimarães, Rodrigues, Campestrini, entre outros intelectuais mediadores, acabaram por difundir imagens da história da Guerra do Paraguai/Guerra *Guasu* que são aceitas por setores significativos da sociedade. Como mencionado, esses autores registraram uma história desse conflito coerente com os desígnios, desejos, projeções da elite dominante. Seus escritos privilegiaram, sobretudo, os homens e seus feitos. Tais narrativas negligenciaram, assim, inúmeros outros aspectos do conflito platino, como, por exemplo, a análise do cotidiano, com seus imprevistos e improvisos, assim como a participação de seus diversos protagonistas: soldados de baixa patente, engenheiros militares, prostitutas, esposas, amantes, benzedeiças, negros libertos ou não, crianças, indígenas, comerciantes, entre outros. Em especial, em Mato Grosso do Sul, estado que faz fronteira com o Paraguai, as imagens gestadas entre os séculos XX e XXI sobre o Paraguai, seu povo e o líder Solano Lopez, são pejorativas, deturpadas e estereotipadas, perdurando até a contemporaneidade como responsáveis por ceifar vidas, além de alimentar preconceitos, xenofobia e intolerância.

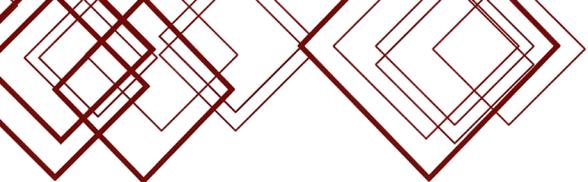
Os referidos autores, como membros dos institutos, falam com autoridade, pois seu lugar social os autorizava a discorrer sobre o acontecido, enredando os regionalismos mato-grossense e sul-mato-



-grossense no campo da ciência e da objetividade. Vale apontar que, até o momento em que concluímos esta pesquisa, não encontramos nenhuma produção bibliográfica produzida por mulheres nos espaços por nós analisados, o que reforça nossa hipótese de que esse universo foi constituído por um grupo social muito específico: homens, em sua maioria brancos, de posses e da elite regional/local. Nesse circuito, não houve espaço para as mulheres, suas reflexões e produções.

Outro ponto a ser destacado é que, na narrativa da Guerra do Paraguai/Guerra *Guasu*, sobressaem os personagens masculinos. A única exceção que encontramos são os registros sobre Dona Senhorinha, personagem feminina, esposa de Guia Lopes – consagrado pela narrativa oficial como uma das referências heroicas sul-mato-grossenses –, que, no contexto da ocupação pelos paraguaios, foi sequestrada por estes. Essa referência é encontrada apenas no IHGMS e em obras de autores sul-mato-grossenses. Nesse sentido, atentamos às ponderações de Foucault sobre o papel que os intelectuais deveriam desempenhar perante a sociedade, isto é: “[...] lutar contra as formas de poder exatamente onde ele é, da ‘verdade’, da ‘consciência’, do discurso” (FOUCAULT, 2002, p. 71). O que averiguamos é que os intelectuais aqui referidos usam esses espaços e suas produções para legitimar o poder instituído, não deixando frestas para narrativas dissidentes, “destoantes” e combativas.

Os intelectuais mediadores analisados neste artigo construíram redes de sociabilidades e afinidades com outros intelectuais, com a elite econômica, com políticos e com os governos estaduais, o que garantia recursos financeiros para publicar e divulgar as suas produções culturais. Como grupo seletivo, circulavam em várias instituições, tinham vínculos de amizade, que favoreciam as práticas de autocultuação, isto é, quando um indivíduo escreve e homenageia os demais membros, e vice e versa, criando um ciclo de celebrações, eternizando suas produ-



ções culturais e perpetuando seus nomes na esfera cultural e política (FRANCO, 2022).

As produções culturais desses intelectuais mediadores se tornaram oficiais, ao serem reconhecidas pelos governos estaduais de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, sendo ensinadas nas escolas, divulgadas nos meios de comunicação e incluídas no conteúdo dos concursos públicos. Ao circularem na sociedade, legitimam os interesses e os projetos políticos que sustentam o regionalismo.

Referências

- 316 AMARILHA, Carlos Magno Mieres. Os intelectuais em ação: a história e a literatura de homens de letras nos meandros do poder em MS – 1978-1988. *In*: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA: CONHECIMENTO HISTÓRICO E DIÁLOGO SOCIAL, 27., 2013, Natal. *Anais [...]*. Natal, 2013.
- ANDERSON, Benedict. *Nação e consciência nacional*. São Paulo: Ática, 1989.
- ARRUDA, Antonio de. Augusto Leverger - Barão de Melgaço. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso*, CXII-CXIV (LII), p. 27, 1980.
- ATA DE FUNDAÇÃO, Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, 1978 (mimeo.).
- BOBBIO, Norberto. *Direita e esquerda: razões e significados de uma distinção política*. São Paulo: Unesp, 2001.
- BORGES, Fernando Tadeu de Miranda; PERARO, Maria Adenir (orgs.). *Brasil e Paraguai: uma releitura da Guerra*. Cuiabá-MT: EdU-FMT; Entrelinhas, 2012.
- BOURDIEU, Pierre. *Razões práticas: sobre a teoria da ação*. Campinas: Papirus, 2001.
- CAMPESTRINI, Hildebrando. *Nosso instituto, uma história de sacrifícios e*



- superação*: o estado de Mato Grosso do Sul. 2012. Disponível em: http://www.ihgms.org.br/wp-content/uploads/2013/02/artes-letras_IHGMS-2-maio.pdf. Acesso em: 16 dez. 2016.
- CAMPESTRINI, Hildebrando. O livro que faltava. *Suplemento Cultural, Correio do Estado*, Campo Grande, MS, Caderno B, p. 7, 7 out. 2000.
- CAMPESTRINI, Hildebrando; GUIMARÃES, Acyr Vaz. *História de Mato Grosso do Sul*. Campo Grande: Gráfica e Papelaria Brasília, 1991.
- CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.
- CHARTIER, Roger. *A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII*. Brasília: Editora da UnB, 1998.
- CORRÊA FILHO, Virgílio. A. Leverger (o bretão cuiabanizado). In: CONGRESSO DE HISTÓRIA NACIONAL, 3., 1941, Rio de Janeiro. *Anais [...]*. Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Rio de Janeiro: Imp. Nacional, 1941. p. 387-493.
- CORRÊA FILHO, Vergílio. Divagações. *Mensario do Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, p. 3, 30 abr. 1933.
- CORRÊA FILHO, Virgílio. General Invicto. *Mensario do Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 30 ago. 1942.
- CORRÊA FILHO, Virgílio. *História de Mato Grosso*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1969.
- CORRÊA FILHO, Vergílio. O Enigma do Paraguay I. *Mensario do Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 22 abr. 1928a.
- CORRÊA FILHO, Vergílio. O Enigma do Paraguay – II. *Mensario do Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 29 abr. 1928b.
- CORRÊA FILHO, Vergílio. O Enigma do Paraguay – III. *Mensario do Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 6 maio 1928c.
- CORRÊA FILHO, Virgílio. O Enigma do Paraguay – IV. *Mensario do Jornal do*



Commercio, Rio de Janeiro, 13 maio 1928d.

CORRÊA FILHO, Vergílio. O Enigma do Paraguay – V. *Mensario do Jornal do Comercio*, Rio de Janeiro, 20 maio 1928e.

CORRÊA FILHO, Virgílio. O Enigma do Paraguay – VI. *Mensario do Jornal do Comercio*, Rio de Janeiro, 27 maio 1928f.

CORRÊA, Dom Francisco de Aquino. A revista. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso*, Cuiabá, anno I, tomo I, p. 1-3, 1919a.

CORRÊA, Dom Francisco de Aquino. Terra natal. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso*, Cuiabá, anno I, tomo I, p. 17-48, 1919b.

CORRÊA, Dom Francisco de Aquino. Terra natal. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso*, Cuiabá, anno I, tomo II, p. 95-143, 1919c.

318

CORRÊA, D. Francisco de Aquino. Salve, Caxias! Em São Paulo, ao microfone. 20 de agosto de 1939. In: SILVA, Corsíndio Monteiro da (org.). *Dom Francisco de Aquino Corrêa – Discursos*. Brasília: Imprensa Nacional, 1985a. 3 v., v. 2, p. 221-224.

CORRÊA, D. Francisco de Aquino. Salve, Caxias! Em São Paulo, ao microfone. 20 de agosto de 1939. In: SILVA, Corsíndio Monteiro da (org.). *Dom Francisco de Aquino Corrêa – Discursos*. Brasília: Imprensa Nacional, 1985b. 3 v., v. 2, p. 221-224.

CORRÊA, D. Francisco de Aquino. Aos heróis de Laguna e Dourados. Ao serem inumados os restos mortais da Praia Vermelha. Rio de Janeiro, 15 de novembro de 1941. In: SILVA, Corsíndio Monteiro da (Org.). *Dom Francisco de Aquino Corrêa - Discursos*. Brasília: Imprensa Nacional, 1985c. 3v., v. 3. p. 29-36.

CORRÊA, D. Francisco de Aquino. Ao duque de Caxias. In: *Poética: nova et vetera*. Brasília: [s. n.], 1985d. v. I, t. I. p. 70.

CORRÊA, D. Francisco de Aquino. *Terra natal: versos*. Rio de Janeiro:



- Imprensa Nacional, 1940.
- CORRÊA, D. Francisco de Aquino. *Terra natal: versos a Mato Grosso, o grande Estado do Oeste Brasileiro*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1949.
- CORRÊA, D. Francisco de Aquino. *Poética: nova et vetera*. Brasília: [s. n.], 1985e. v. I, t. I.
- CORRÊA, D. Francisco de Aquino. *Poética: odes*. Brasília: [s. n.], 1985f. v. II, t. I.
- CORRÊA, D. Francisco de Aquino. *Poética: Poética: terra natal*. Brasília: [s. d.], 1985g. v. III, t. III.
- CORREA, Jose Manoel Alves. Barão de Melgaço. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso*, CXV-CXVI (LIII), p. 17, 1981.
- CORRÊA, Philogônio de Paula. Discurso. (Proferido pelo orador oficial, 1º secretário do Instituto). *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso*, Cuiabá, Anno I, Tomo II – 1919, p. 7-11.
- DARNTON, Robert. O que é a história dos livros? In: DARTON, Robert. *O beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução*. Tradução: Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. p. 109-145.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. 17. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2002.
- FRANCO, Stélla Carolina Carvalho. *José Barbosa Rodrigues e a construção da memória e da identidade sul-mato-grossense*. 20 183f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós Graduação em História, Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), Dourados-MS.
- FURLANETTO, Vera Lucia. *Mato Grosso do Sul: sua criação pelas representações dos jornais O Progresso e Correio do Estado*. 2018. 188f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós Graduação em História, Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), Dourados-MS.
- GOMES, Ângela de Castro; HANSEN, Patrícia Santos. Intelectuais,



mediação cultural e projetos políticos uma introdução para delimitação do objeto de estudo. *In*: GOMES, Ângela de Castro; HANSEN, Patrícia Santos. *Intelectuais mediadores: práticas culturais e ação política*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, p. 7-40, 2016.

GRESSLER, Lori Alice; VASCONCELOS, Luiza Mello; KRUGER, Zelia Peres de Souza. *História de Mato Grosso do Sul*. 1. ed. São Paulo: Ed. FTD, 2011.

GUIMARÃES, Acyr Vaz. *A Guerra do Paraguai: suas causas (1823-1864)*, Campo Grande: Ed. UCDB, 2001. (volume 2).

GUIMARÃES, Acyr Vaz. *A Guerra do Paraguai: verdades e mentiras*. Campo Grande: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, 2000. v. 1.

320

GUIMARÃES, Acyr Vaz. *Seiscentas léguas a pé*. Campo Grande: Tribunal de Justiça de Mato Grosso do Sul, 1998.

JUCÁ, Pedro Rocha. Um exemplo de grande historiador. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso*, CXXVII-CXXVIII (LIX), p. 18, 1987.

LE GOFF, Jaques. *História e memória*. Tradução Bernardo Leitão e outros. Campinas: Unicamp, 1992.

MARIN, Jérri Roberto. D. Francisco de Aquino Corrêa e a construção da identidade mato-grossense. *HORIZONTE - Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião*, v. 16, n. 50, p. 780-811, maio/ago. 2018.

MARIN, Jérri Roberto. Os posicionamentos do arcebispo de Cuiabá, D. Francisco de Aquino Corrêa, e a defesa do patriotismo cristão. *Revista Diálogos*, v. 20, n. 2, 2016. p. 155-172.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

REVISTA DO INSTITUTO Histórico e Geográfico de Mato Grosso,



- Campo Grande, v. 42, 2017.
- RODRIGUES, José Barbosa. *História de Mato Grosso do Sul*. 2. ed. São Paulo: Editora do Escritor, 1993.
- RODRIGUES, José Barbosa. *História de Mato Grosso do Sul*. São Paulo: Editora do Escritor, 1984.
- RODRIGUES, José Barbosa. *Histórias da terra mato-grossense*. São Paulo: Editora do Escritor, 1983.
- RODRIGUES, José Barbosa. *Isto é Mato Grosso do Sul – nasce um estado*. Campo Grande: Editora do Escritor, 1978.
- SANSÓN CORBO, Tomás. La historiografía uruguaya sobre la Guerra de la Triple Alianza. Trayectos, tradiciones, ¿resignificaciones? *Diálogos*, Maringá, v. 19, n. 3, p. 955-979, set./dez. 2015.
- SIRINELLI, Jean François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René (org.). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: UFRJ/FGV, 1996. p. 231-269.
- SQUINELO, Ana Paula. *A Guerra do Paraguai ontem e hoje: Mato Grosso e Mato Grosso do Sul (1868-2003)*. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2015.
- SQUINELO, Ana Paula. *A Guerra do Paraguai, essa desconhecida: ensino, memória e história de um conflito secular*. Campo Grande: Ed. UCDB, 2002.
- ZORZATO, Osvaldo. *Conciliação e identidade: considerações sobre a historiografia de Mato Grosso (1904-1983)*. 1998. 181 f. Tese (Doutorado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.